

A ARTE ESPÍRITA COMO INSTRUMENTO DE EVANGELIZAÇÃO DO SER: DAS NUVENS BRANCAS À DART

Samantha Oliveira Gomes da Silva²⁴⁶

INTRODUÇÃO

A Diretoria de Atividades Artísticas da Fundação Allan Kardec um dia foi o Núcleo de Atividades Artísticas e também foi o Grupo de Teatro e Dança Pyatã, ou simplesmente Grupo Pyatã, como vamos tratá-lo a partir daqui.

Três nomes e três fases distintas de trabalho de um grupo de artistas do Cristo – ou seria de cristãos da Arte? – que se reencontraram para levar adiante a missão de tocar o coração das pessoas, apresentado a Doutrina Espírita através da arte.

Ao ouvir a história pessoal dos integrantes mais antigos deste grupo, consegue-se ver claramente que todos foram se envolvendo aos poucos, integrando-se ao Grupo devagar e imprimindo sua essência, espalhando seu perfume. Todos contribuíram muito. E assim a atividade cresceu.

Olhando agora para trás e vendo esta estrada trilhada há vinte e nove anos, contados a partir de documentos formais analisados, tomamos a consciência de que esta nunca foi apenas uma atividade de jovens que amavam estar juntos, mas a consolidação de um sério compromisso com a arte, traçado no Plano Espiritual.

E como todo começo tem uma história, o início do Grupo Pyatã, quando ainda nem era um grupo, confunde-se com a realização das primeiras COMEANS, as Confraternizações das Mocidades Espíritas, quando não havia a figura do ator ou do artista, mas sim a dos trabalhadores da COMEAM que, de acordo com a necessidade, faziam um pouco de tudo, inclusive arte.

Também não havia um trabalho específico de artes, de forma sequencial, nos Centros Espíritas. Na própria Fundação Allan Kardec, o que havia era a evangelização usando a arte, sem grandes compromissos com aspectos técnicos ou artísticos. Neste período, a arte era utilizada apenas como recurso pedagógico. Naturalmente, isso fez com que os evangelizadores e os evangelizados fossem os primeiros artistas.

Assim, o evangelizador ministrava suas aulas, escrevia roteiros, atuava e dirigia. Tudo era feito com bastante alegria, visando apenas apresentar aulas divertidas, onde fixar o conhecimento espírita era o grande objetivo.

O presente artigo visa apresentar a arte como instrumento de evangelização do ser, a partir da experiência de vários trabalhadores desta área, bem como das etapas pelas quais este grupo passou em sua trajetória enquanto Grupo Pyatã, Núcleo de Atividades Artísticas até chegar a se tornar a Diretoria de Atividades Artísticas da Fundação Allan Kardec. Também é objetivo desse artigo buscar construir uma linha do tempo, apresentado as produções internas e externas do Grupo.

A metodologia escolhida foi a entrevista com os trabalhadores mais antigos da atividade, bem como análise dos recortes de jornais e material gráfico pertencentes ao acervo de Pedro Cavalcante e documentos históricos da Fundação Allan Kardec, desde o ano de 1988.

²⁴⁶ Trabalhadora da Diretoria de Atividades Artísticas da Fundação Allan Kardec.

Após a apresentação de cada etapa segue uma reflexão relativa a este período, a partir da ótica da autora, que é uma das participantes mais antigas da referida equipe.

1. Pyatã: as nuvens brancas

Em um dos recortes carinhosamente guardados por Pedro²⁴⁷ (Anexo 01), observa-se como o marco inicial das atividades do Grupo Pyatã o ano de 1988. Entretanto, o primeiro cartaz do Grupo, divulgando a peça “Sonhos de Criança”, data de 1989 (Anexo 02).

É importante ressaltar que o Grupo, apesar de ter se unido pelas necessidades oriundas da Evangelização, especificamente das COMEAMs, sentia a necessidade de fazer arte o ano todo, daí sua natural criação.

A primeira COMEAM foi no ano de 1982 e até o ano de 1989, aproximadamente, não havia uma equipe específica de arte. Grande parte dos jovens que atuavam nas COMEAMs eram evangelizando da FAK, o que permitiu que os evangelizadores desta Casa utilizassem o recurso da arte de forma regular na própria evangelização FAK.

Em função disso, no ano de 1990, o grupo do primeiro ciclo de juventude da Evangelização da FAK, dirigido por Roberto Camurça, realizou uma série de atividades, que culminou com duas peças. Na primeira, cujo roteiro e direção foram de responsabilidade do próprio evangelizador, Roberto, atuavam alguns jovens que já participavam das COMEAMs, entre eles: Nívea Melo e Palmira Miranda. Esta peça foi assistida por Leonardo Novellino, em sua primeira visita à FAK. Á partir daí, ele passou a integrar o Grupo.

Já na segunda peça, devido à excelente apresentação do primeiro trabalho, Roberto teve o cuidado de convidar, para dirigir o projeto, o também trabalhador do Departamento de Infância e Juventude - DIJ, Pedro Cavalcante, que já tinha certa experiência artística, tendo feito curso de teatro com a atriz e diretora local Socorro Lambeck, artista de relevada importância para Manaus.

Roberto continuou ajudando, técnica e financeiramente, o projeto, mas, ao chamar alguém com mais atenção para a área artística, já estava auxiliando os novos passos dessa atividade.

Assim, esta foi a primeira configuração do Grupo, com a participação dos evangelizando e atores Nívea e Tânia Melo (irmãs), Leonardo Novellino, Palmira, Janaina e Ioná Miranda (irmãs), Lizandra e Junior (irmãos, filhos da trabalhadora da FAK, d. Marizeth), Luciana Coelho, Alessandra Pereira, Elvis Neves, Marisa Mendes, Márlio Dutra, Elizabeth Cavalcante, Graco Fregapani, Lien Sander Carneiro, Deborah Farias e sua mãe, Fátima Farias, Fábio Muniz, Antonio Ceará, entre outros.

Registre-se que, até então, as produções externas do grupo foram: “A Floresta Encantada”, “ZásTrás”, que depois virou “LeVanVun”, “De um sonho... uma canção”, assim como “E o Belo criando o Bom”.

Nesta primeira etapa, também destacamos a Salinha de Artes, que atendia aos filhos dos trabalhadores da FAK. Estes vinham para a Casa e, não tendo com quem deixar seus filhos, passaram a deixá-los nesta atividade. Os

²⁴⁷ Pedro Cavalcante, primeiro dirigente do Grupo Pyatã

responsáveis pela mesma eram Leonardo Novellino, Pedro Cavalcante e Lenise Negrão.

Além de ser uma espécie de sala onde se evangelizava as crianças, usando a arte como ferramenta, era também onde se elaboravam alguns elementos artísticos utilizados pelo Grupo Pyatã, como as máscaras feitas de esponja, utilizadas na peça O Peixinho Vermelho, para uma das COMEANS.

A atividade na Salinha de Artes durou de 1991 a 1992, durante a semana, quando Leonardo e Lenise já não puderam realizá-la, mas continuou aos sábados, com a configuração de uma sala para a equipe de artes, onde esta podia realizar suas atividades, encontros e planejamento em geral. Há uma referência expressa à criação das Salas de Arte no relatório da Casa de 1991 (Anexo 03).

De 1992 a 1995 passaram a fazer parte do grupo os seguintes trabalhadores: Samantha Gomes, Janara Machado, Anderson Mattos, Andrea Siqueira, Aleksandro Machado, Paulo Neri, Wanderlan Dimas. Importante citar a participação destas pessoas no grupo, em função da produção de “Marcas...” (Anexo 04), a primeira peça voltada para o público adulto, apresentada pelo grupo.

O texto “Marcas...”, escrito por Samantha Gomes e Nívea Melo, foi um divisor de águas, por sua grande importância para o grupo, sendo a primeira produção independente da área de evangelização.

Foi a partir desta peça que vários integrantes do grupo passaram a ter mais consciência do quanto a arte era importante para cada um. Talvez tenha sido o despertar da consciência do quanto o trabalho na arte seria importante para cada um. Mas todos eram jovens na época, e a lição somente seria entendida mais tarde. Naquele momento, eles estavam começando a se apropriar da tarefa artística.

Tecnicamente, foi uma importante produção. O cuidado técnico por parte do Pedro, enquanto diretor, foi muito mais acurado; mesmo o material gráfico da peça, foi bem mais elaborado do que até então o Grupo costumava fazer.

Pode-se dizer que “Marcas...” apresentava os cuidados técnicos e artísticos que seriam a marca do grupo, a partir de então.

Também foi nesta produção que aconteceu o primeiro contato de Silvio Romano com o grupo; naquele momento, ele, que foi o primeiro diretor da DART, atuou auxiliando na produção.

O resultado da peça também pode ser medido financeiramente, uma vez que neste ano teve participação na receita da Casa, aparecendo no relatório de 1996 (Anexo 05).

Com o espetáculo, o Grupo se apresentou várias vezes em Manaus, nos teatros Cecomiz e Amazonas, além de ter viajado para Belém, no Pará. Neste período, também houve uma nova produção para “De um sonho... Uma canção” e desta forma, ao viajar para Belém, o grupo levou estas duas produções (Anexo 06).

O grupo pode ir a Belém a convite do irmão José Alberto da Costa Machado, que neste período estava morando naquela cidade, por conta de atividades pessoais. Parte do grupo hospedou-se num hotel e parte na casa do “Zé”, que sempre cuidou com carinho destes trabalhadores.

Foi uma viagem de muito aprendizado e união para estes jovens. Alguns se dividiram atuando nas duas produções. Até então, Pedro era responsável por vários aspectos de uma produção teatral, inclusive a maquiagem dos atores. Para realização desta viagem, o Grupo preocupou-se inclusive com a realização de uma oficina para que todos aprendessem a fazer as maquiagens de seus personagens.

Além do aprendizado artístico, foi uma grande confraternização para estes jovens e para o Movimento Espírita local.

Nesta primeira etapa do Grupo, Pedro Cavalcante foi diretor artístico das peças e praticamente um tutor da equipe, formada na maior parte por jovens que começaram na atividade com cerca de quinze a dezesseis anos. Além de dirigir todas as peças, Pedro também era responsável pelos Laboratórios que aconteciam aos domingos, das 16h as 18h. Durante muitos anos, este era o ponto de encontro semanal do Grupo, que aproveitava este momento para realizar uma série de exercícios próprios para as atividades artísticas e também para os devidos ensaios.

Assim, a amizade desta equipe foi fortalecida por estes momentos vividos aos domingos, e também pelos ensaios que lhes consumiam várias horas, fins de semana e horários bem alternativos. Não foram poucas as vezes que o elenco saía de madrugada da FAK, após extenuantes horas de ensaio.

Também nesta época, o Grupo realizou uma série de confraternizações, sempre tendo a arte como pano de fundo. Assim realizaram “Uma Noite a Fantasia”, “Festa Anos 50” e a “Festa Mística”, entre outras.

Hoje conseguimos perceber que nada foi ao acaso, mas sim uma possibilidade de se firmar laços do passado para uma excelente concretização dos planos presentes. Em se tratando de arte, confiar faz-se essencial; esta confiança foi sendo construída ao longo destes anos de trabalho e amizade.

É importante lembrar estes momentos e rever o passado com os olhos já amadurecidos pelas experiências da vida. Todos queriam apenas fazer teatro, estar juntos, brincar e viver. Era o começo do caminhar nesta encarnação. Eram todos como crianças!

Já havia ali todos os indícios da responsabilidade que estes trabalhadores iriam assumir mais adiante. Da mesma forma que há, na criança, o germe das várias virtudes que deverão ser buriladas ao longo da vida.

Em recente entrevista com José Alberto Machado, trabalhador da Casa, que sempre esteve por perto dos trabalhadores da arte, sendo também uma espécie de orientador desta equipe, este relatou que via a equipe da arte com uma grande responsabilidade; percebia seu grande valor como um instrumento a ativar sentimentos nas pessoas para que elas pudessem se reconhecer como filhos de Deus.

É bastante claro que neste momento inicial todos os trabalhadores ligados a esta atividade estavam fazendo o seu reencontro, buscando se reconhecer e deste reencontro firmar esta responsabilidade.

Já estavam claramente definidas as quatro dimensões onde a arte trabalharia: inicialmente junto às COMEAMs, em seguida através de peças externas, depois nas atividades internas e nas diversas atividades pedagógicas.

Basta ver as fotos e os sorrisos que se entenderá como essa construção foi feita aos poucos, numa clara demonstração de que a evangelização do ser é paulatina, constante e eficaz. Neste sentido, fazer esta viagem ao passado, rever as fotos e contar com o depoimento de alguns participantes do Grupo, auxilia a entender esse processo contínuo.

2. Criação do Núcleo de Atividades Artísticas

Pelos documentos relacionados nos Anexos 7 e 8, verifica-se que durante algum tempo o Grupo Pyatã conviveu com o Núcleo de Atividades Artísticas, pois em um documento do ano de 1993 tem-se a referência expressa ao “Núcleo Artístico” (Anexo 8), sendo que em 1990 foi criado o “setor de artes” (Anexo 7).

Ora, daí segue-se o raciocínio lógico que o Núcleo efetivamente foi criado entre os anos de 1990 a 1993. Registre-se que no ano de 1994 temos referência expressa, no Relatório de atividade da FAK, no item 3.5 (Anexo 9), bem como no ano de 1995. No ano de 1996, o Núcleo já aparece registrado enquanto Atividade, mas seguem informações financeiras oriundas das vendas dos ingressos de “Marcas...”, conforme relatado anteriormente.

Entretanto, existem cartazes e publicações em jornais locais (Anexo 10), referindo-se ainda ao Grupo Pyatã, até o ano 2008. Assim, conclui-se que houve uma coexistência do grupo com o Núcleo e não uma substituição daquele por esse.

Pelas várias entrevistas realizadas, chega-se à conclusão de que o Grupo Pyatã, já neste momento, tratava-se de uma configuração para “fora” da Casa Espírita, enquanto o Núcleo de Atividades Artísticas atendia às atividades internas da FAK, quando os trabalhadores desta área passaram a sentir-se comprometidos com as atividades a serem desenvolvidas para os frequentadores e trabalhadores da Fundação Allan Kardec.

Aqui, pode se observar, de fato, o início da evangelização através da arte, começando a fazer sentido a necessária consolidação dos laços de amizade. Através dessa união, pode o trabalho se embasar para usar estes alicerces e seguir em frente.

O Núcleo sempre esteve ligado direto à Presidência da Casa, demonstrando o cuidado e a atenção especiais da FAK para com esses trabalhadores. Esta época foi marcada principalmente pelo início da construção das Diretrizes desta atividade, de sua aproximação para com todas as atividades da Casa, como que num ensaio da sua situação de atividade transversal que hoje ocupa. Já não havia a tutela quase que exclusiva do Pedro Cavalcante e os antigos participantes do grupo foram se revelando, pouco a pouco, como trabalhadores desta atividade tão cara a todos eles.

Neste intervalo de tempo, revezaram-se nos cargos de direção e coordenação do Grupo/Núcleo Pedro Cavalcante, Leonardo Novellino, Nívea Melo, Tânia Melo, Alecsander Carneiro, Lien Sander Carneiro, Silvio Romano, Ronaldo Marques, Samantha Gomes, Anderson Mattos. A equipe sempre optou por uma metodologia de trabalho bem democrática e participativa onde, apesar de ter um diretor específico para a atividade, os trabalhadores decidiam a maioria de suas ações através de um colegiado.

Também foi neste período que alguns participantes do grupo passaram a fazer cursos técnicos nas diversas áreas de interpretação, produção de espetáculos, teatro, música e dança, fora do eixo da Casa Espírita. Tratava-se de um grande momento de incentivo à cultura por parte da Prefeitura de Manaus e do Governo do Estado do Amazonas. A consequência natural foi o despertar de um forte interesse destes trabalhadores em melhorar suas técnicas artísticas.

Assim, foram vários os cursos realizados de forma individual junto à SEC e à Prefeitura de Manaus, que contribuíram para o desenvolvimento artístico destes trabalhadores. O trabalho artístico desta equipe passou a ter mais cuidado técnico.

Da mesma forma, vários talentos foram surgindo. Descobriram-se como dramaturgos Samantha Gomes, Nívea Melo, Tânia Melo, Anderson Mattos, Silvio Romano e Rodrigo Junqueira. Já havia no grupo um talento natural para a dança, com destaque para as participações de Débora Farias, Antonio Ceará, Anie Kelen e Adriana Barbosa e para a música, com varias inserções na tentativa de se criar uma atividade específica para a área, com destaque para a família Carneiro, com Waldeir, Lien Sander e Alecsander, além de outros músicos que sempre estiveram com o grupo, como Gustav Cervinka, Leonardo Novellino, Marcellus Campelo entre outros.

Interessante que vários trabalhadores do grupo possuíam mais de um talento e isso eclodiu de maneira muito natural, pois nas atividades realizadas nunca houve uma determinação expressamente fechada sobre quem ia fazer o que. Assim, mesmo sem ter a formação específica na área de dança, não foram poucas as vezes que Nívea, Tânia e Samantha fizeram várias coreografias; Débora, mesmo sendo bailarina, atuou várias vezes; Lien e Alec sendo cantores natos se dividiam em dirigir e atuar.

Os talentos eclodiam e se firmavam da mesma forma que aumentava o interesse destes trabalhadores em direção às várias atividades da Casa.

O que se percebe é que houve um amadurecimento individual destes trabalhadores e, como consequência natural, as atividades por eles desenvolvidas na esfera do Núcleo de Atividades Artísticas também amadureceram. Talvez possamos comparar esta época vivenciada como a adolescência do Grupo enquanto atividade na Casa.

E como jovem, o grupo necessitava de referências para o seu amadurecimento. Tais referências surgiriam mais explicitamente na fase seguinte, quando os exemplos do Cristo relatados no Evangelho, objeto do interesse de estudos do grupo, norteariam a dinâmica das atividades artísticas.

Ainda havia uma demasiada preocupação com aspectos técnicos, mesmo que em detrimento de aspectos hoje já percebidos como mais importantes, como o bem estar dos vários participantes da atividade. Mas aumentou de forma bem perceptível a preocupação para com o trabalho espírita a ser realizado e em especial para com as atividades internas realizadas na Fundação.

3. Finalmente... Dart! Diretoria de Atividades Artísticas

O ano de 2008 marca a criação da Diretoria de Atividades Artísticas, tendo sido o seu primeiro diretor, o trabalhador da área, Silvio Romano. A

Diretoria já surgiu num contexto bem diferente daquele que originou o Grupo Pyatã.

"Quando o servidor está pronto, o serviço aparece". Esta é a famosa frase dita por Genésio a André Luiz, em Nosso Lar. Aqui, estendemos esta máxima para os vários trabalhadores que compunham esta tarefa. Se todos ainda não estavam prontos, estavam dispostos ao trabalho.

Já nessa configuração de Diretoria, o primeiro trabalho foi a construção das diretrizes e este foi levado com afinco.

O grupo já não era simplesmente composto por uma turma de amigos que participava da evangelização. Agora eram trabalhadores da Casa, mais conscientes de suas responsabilidades, que assumiam a tarefa de levar adiante a mensagem do Cristo através da arte.

Queriam evangelizar com a arte, e através desta foram evangelizados.

Os trabalhos já estavam bem consolidados. A arte já permeava várias atividades na casa, através de participação em encontros de trabalhadores, confraternativos ou avaliativos, além de várias outras atividades.

Entretanto, esta primeira tentativa não pode ter continuidade por uma série de contratempos, inclusive a ida do irmão Silvio Romano para trabalhar no Maranhão. Ele não se desligou da atividade, uma vez que conseguia estar em Manaus em praticamente todos os fins de semana, mas preferiu deixar a direção do Grupo com o trabalhador Marcellus Campelo.

Este, juntamente com a trabalhadora Lien Sander Carneiro, assumiu a direção da atividade, a convite de José Alberto Machado, que os orientou a trabalhar como Núcleo até que a atividade se consolidasse. Após aproximadamente oito meses, já no final de 2009, a DART voltou a existir na estrutura da Fundação Allan Kardec, como continua até os dias atuais.

Já atuaram como diretores desta tarefa os irmãos Silvio Romano, tendo como vice Ronaldo Marques; Marcellus Campelo, vice Lien Sander Carneiro; Alecsander Carneiro, sendo a vice Samantha Gomes; e Tânia Melo, com o trabalhador Maurisérgio Aquino sendo seu vice, inicialmente, mas hoje atuando sozinha, uma vez que nosso amigo Maurisérgio assumiu outra atividade na Casa.

Interessante é que alguns trabalhadores desta área podem até se afastar das atividades de coordenação ou direção, mas por estarem fortemente vinculados à arte, não deixam de desempenhar alguma tarefa nesta diretoria. Isto demonstra o carinho que nutrem pela mesma.

Hoje a DART está com suas diretrizes atualizadas, já tendo feito o seu primeiro Curso de Formação de Trabalhadores da Arte, nos dias 04 e 11 de junho deste ano (Anexo 11).

Assim como não visualizamos uma marca exata da transição de uma criança para o mundo dos jovens e destes para o mundo adulto, também não conseguimos precisar de uma forma correta o período em que os trabalhadores da DART tomaram para si a responsabilidade sobre essa atividade que lhes é tão importante.

O que conseguimos ver, claramente, nesta fase atual, é que os trabalhadores da área amadureceram. A atividade amadureceu.

A criança de ontem, Grupo Pyatã, tornou-se o adolescente, Núcleo de Atividade Artísticas. E hoje entra no processo de amadurecimento como Diretoria de Atividades Artísticas, nossa querida DART.

Com esta configuração de diretoria, o Grupo já não se mantinha isolado numa atividade, nas tardes de domingo, como ocorreu durante anos com o Laboratório. Passou a tomar parte da rotina da Casa em quase todos os dias de atividade.

Participa de cursos de formação; auxilia como base em várias atividades de estudo; atua permitindo que se aflorem elevadas emoções nos nossos irmãos em situação de rua, através da célula que hoje reside junto à Diretoria de Apoio ao Exercício do Amor. Juntamente com a Diretoria de Estudos Doutrinários, mantém um grupo que estuda especificamente a Mediunidade, uma vez que é entendimento da Casa que o ator é médium das belezas eternas.

Hoje o grupo continua atuando junto às COMEAMs, além de ter trabalhadores fazendo parte de outros encontros para jovens espíritas, como a CONJOVEM e o Encontro Auta de Souza, além de auxiliar em várias atividades da FEA.

O grupo é uma diretoria. Atuando com o teatro e com a música. E embrionariamente conta com outros sistemas de arte, tais como literatura, dança, artes plásticas e muito mais.

E o trabalho não terminou. Ao contrário!

Acredita-se que agora que estes trabalhadores estão prontos, a tarefa pode começar. Hoje a arte está na Casa, como uma eclosão natural.

Olhando esta trajetória que retrata a vida de uns, a desta autora em particular, podemos dizer que a jovem DART está pronta e aguardando ansiosamente o trabalho que virá.

4. Linha do Tempo

- 1989: Sonhos de Criança, Teatro dos Estudantes.
- 1991: De um sonho...Uma canção.
- 1992: Floresta Encantada (Premiado no Sesc).
- 1992: O Belo criando o Bom.
- 1995: Eterna Aprendiz.
- 1995 The Flower.
- 1996: Marcas..., Teatro Cecomiz.
- 1997: Marcas..., Teatro Margarida Schiwazzapa (Belém).
- 1997: De um sonho...Uma canção, Teatro Margarida Schiwazzapa (Belém).
- 1997: Marcas..., Teatro Amazonas.
- 1997: A história de Lagarta.
- 1998: O anjo da misericórdia.
- 1998: Circo da Alegria.

-1998: LeVanVum, Parque do Mindu, Teatro Amazonas, Teatro Jorge Bonates.

- 1999: O Peixinho Vermelho.
- 2001: Aprendiz da Vida: Teatro La Salle.
- 2004: D'Arc, Teatro La Salle e Teatro Amazonas.
- 2005: Asas da Emoção: Teatro Cecomiz.
- 2007: Simplesmente Mãe.
- 2008: Sarau Poético de Natal.
- 2009: Espiritismo em terras amazônicas.
- 2009: Francisco: Templo do Coração.
- 2015: Dia de festa no céu da floresta.
- 2016: O mundo encantado de Clarinha.

Sem data determinada:

- A história de uma Folha.
- Paulo e Estevão.
- Coração de Saltimbanco.

CONCLUSÃO

O trabalho não acabou! Nem o trabalho da DART, nem o trabalho para a construção deste artigo. Como temos perda de informações... Existem apresentações que estão na memória e no coração de alguns. Precisamos de mais tempo, mais trabalho e mais artigos.

Mas a semente foi plantada e uma parte já pode germinar imediatamente.

Ter tido contato com nossa recente história me fez ver que ainda há muito a contar, a pesquisar e a entender. Talvez tenhamos tido a primeira oportunidade de perceber que temos muito a contar. Nós que adoramos contar histórias, precisamos entender a nossa.

É com grata surpresa que várias percepções surgiram; descobrir que fui uma das primeiras trabalhadoras desta área me ajudou a entender o tamanho de meu compromisso.

Olhar fotos, guardados, folders... lembrar de algumas pessoas que passaram por nós e não ficaram; outras que estão conosco, mas escrevendo outra história... Cada amigo querido que passou, ficando ou não, construiu conosco esta diretoria, este “cadinho” de amor.

A evangelização de uma criança perdura toda sua infância; deve ser feita pela Casa Espírita em colaboração com seus pais. Segue a evangelização do jovem e do adulto. Não é estanque. É para sempre.

Assim é a evangelização do ser... de uma encarnação a outra.

Nós trabalhadores da arte, escolhemos ser inseridos num meio onde a vaidade, o orgulho e o egoísmo tendem a brilhar; assim é o meio artístico fora dos movimentos religiosos. O ser artístico, por si só, é um ser egóico.

Daí a grande dificuldade de evangelizar estes corações. E a arte os evangeliza. Evangelizou-me!

Eu, que entrei neste grupo para “aparecer” nos palcos da vida, aprendi o quão belo é sumir nos bastidores da tarefa cristã.

Sim! Evangelizou-se o nosso ser. Mas não acabou. Estamos ainda em burilamento, porque o aprendizado é longo. Encontramos o caminho que pode nos permitir seguir ao lado do Cristo.

Ver o quanto andamos é o que mais aquece o coração.

Ter a certeza de que estivemos amparados todo este tempo, nos aquece ainda mais. Hoje, já conseguimos tomar consciência de que muitos andaram conosco para que chegássemos até aqui. São nossos amigos espirituais que coordenam esta atividade.

Agora, já com essa consciência desperta, o caminho deve ser percorrido com mais vontade e responsabilidade, pois temos a certeza de não estarmos sós.

Passaram as nuvens brancas. O céu está límpido. E nós vamos cruzá-lo, seguindo adiante.

Minhas motivações

Foi num Natal.

Luzes mágicas inundavam o ar e iluminavam o meu coração.

Eu, que sempre gostei dessa época, não poderia ter me encantado com este mundo numa outra data.

Era uma confraternização de fim de ano para os trabalhadores. O grupo de teatro ia apresentar “o Cego Bartimeu”. Eu não havia visto nenhuma apresentação dele; conhecia algumas pessoas que faziam o curso de formação e reciclagem de evangelizadores comigo e só. Eu não sabia o que esperar.

Então as luzes do teatro se acenderam e eu só me lembro do Leo²⁴⁸ cantando “Ajudai-me, Filho de Davi; Oh, Senhor, tende pena de mim...”.

Que apresentação linda!

Meus olhos encheram-se de lágrimas e eu sabia que queria estar ali, naquele palco... Isso foi em dezembro de 1991 e passados os feriados de fim de ano, eu ingressei no Grupo e comecei a participar do laboratório aos domingos.

Logo em seguida, já fiz minha primeira participação em COMEAM, tratava-se da 11ª, a primeira do CEFET, cheguei a participar da 12ª, lá também. Mal sabia que estaria participando efetivamente da 13ª, no Denizard Rivail, e em todas as demais que ocorreram no Campus, passando de trabalhadora do multimeios, para coordenadora daquela equipe.

²⁴⁸ Leonardo Novellino, participante do grupo desde 1990

Eu não poderia imaginar que estaria neste grupo por de vinte anos; que ele seria minha maior referência de permanência e que um dia eu estaria escrevendo, mesmo que de maneira resumida, a sua história.

Não eram trabalhadores buscando instituir uma atividade na Casa Espírita. Não eram artistas buscando fundar companhia de arte. Eram amigos se reencontrando. Alguns chegaram primeiro e outros foram se reencontrando pelo meio do caminho.

Hoje vejo claramente que ao entrar na atividade do teatro na Fundação Allan Kardec, eu não tinha noção dos meus compromissos com a Casa ou com a atividade artística em si. Eu brincava – dizendo a verdade – que queria fazer teatro para “brilhar nos palcos”. Até então eu apenas amava “fazer teatro”.

Ao longo de todos esses anos atuando nesta Casa, trabalhando nesta e em outras atividades, percebo que eu mudei muito. Já não sou aquela adolescente que entrou para o grupo de teatro só porque queria “aparecer”. Na verdade, “aparecer” já não é sequer uma necessidade a ser preenchida.

Após esses anos todos de vivência, o meu interesse pela atividade artística mudou radicalmente. Divulgar a Doutrina Espírita, dulcificar corações, propagar a mensagem do Cristo, auxiliar o ser na busca da reforma íntima... esses são apenas alguns dos motivos que hoje fazem minha alegria ao estar fazendo arte na Casa Espírita.

Se no início a vontade maior era de fazer grandes peças para fora da Casa Espírita, com o tempo percebi que a Fundação tornou-se prioridade. De forma natural, sem que alguém assim determinasse, passei a entender a importância do trabalho para as atividades da Casa.

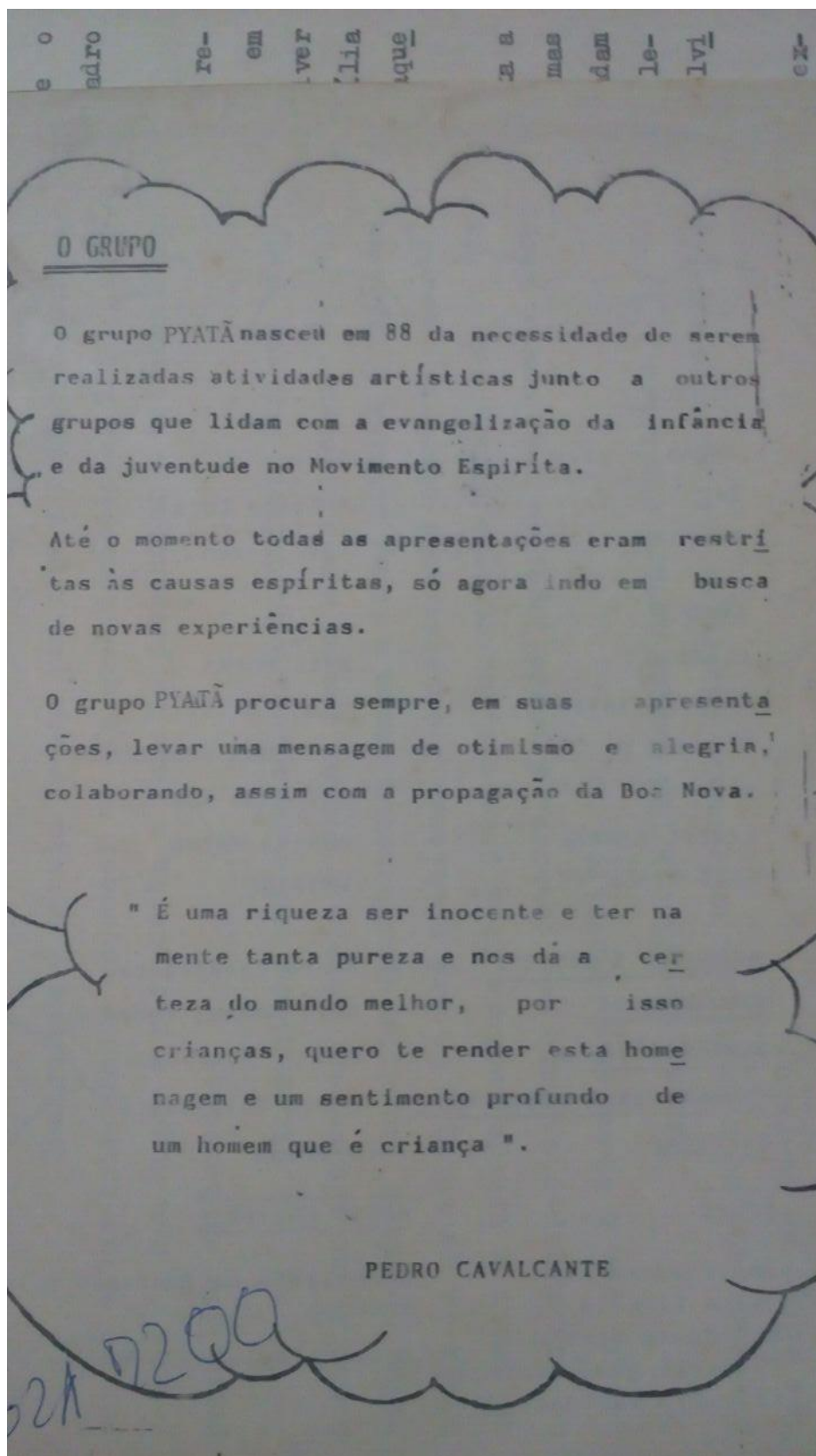
Escrever sobre o Grupo, entender os processos pelos quais o mesmo passou, fez-me entender os meus processos. Entendi que a arte é um componente fundamental do meu ser. Entendi que o Grupo, enquanto grupo de amigos, é um componente primordial para a minha vida.

Hoje minhas escolhas são pautadas por eu ser espírita.

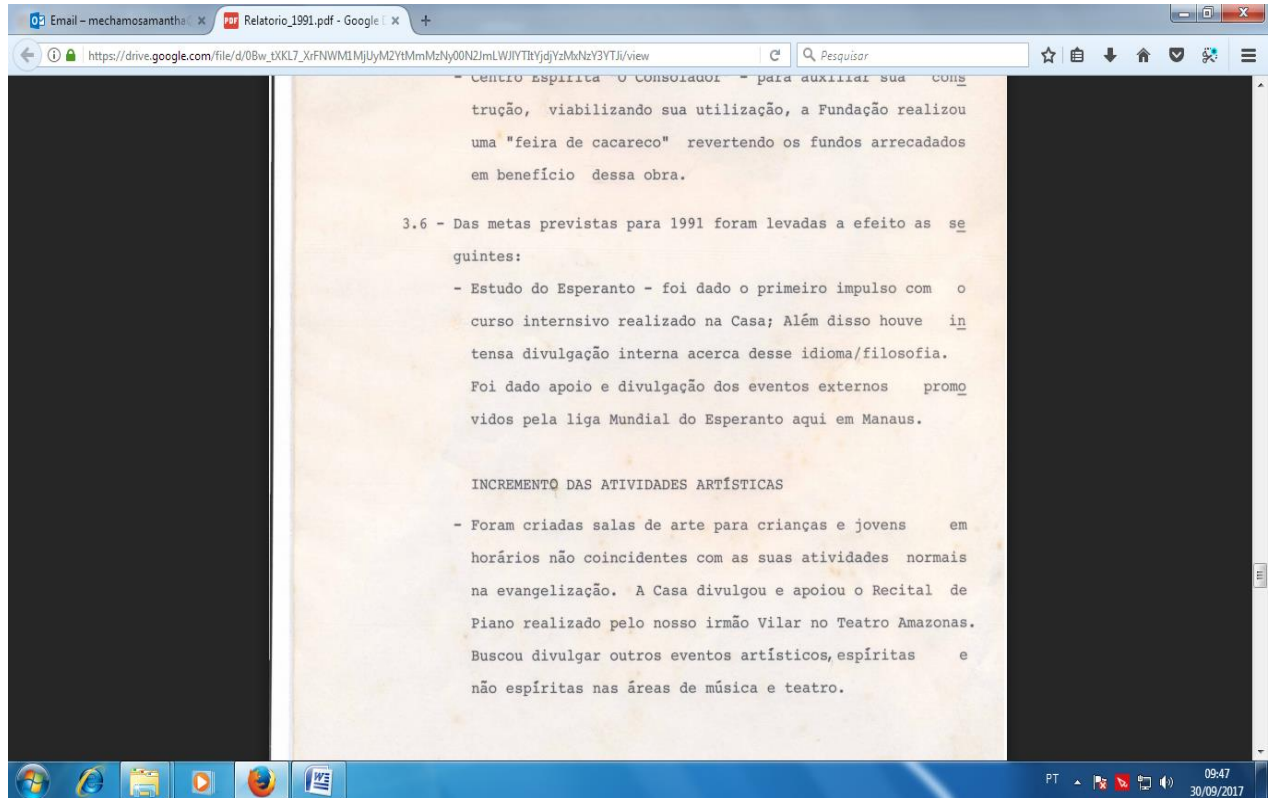
E é claro que eu ser espírita foi pautado dia a dia, ano a ano pelas oportunidades que esta atividade me apresentou. Pelos amigos que aqui eu fiz. Ser quem eu sou hoje passa fundamentalmente por ser artista. E mais ainda por eu ter tido a firmeza e a constância necessárias para ser uma artista trabalhadora do Cristo.

ANEXOS

Anexo 01 - Parte de um texto referente a um projeto teatral



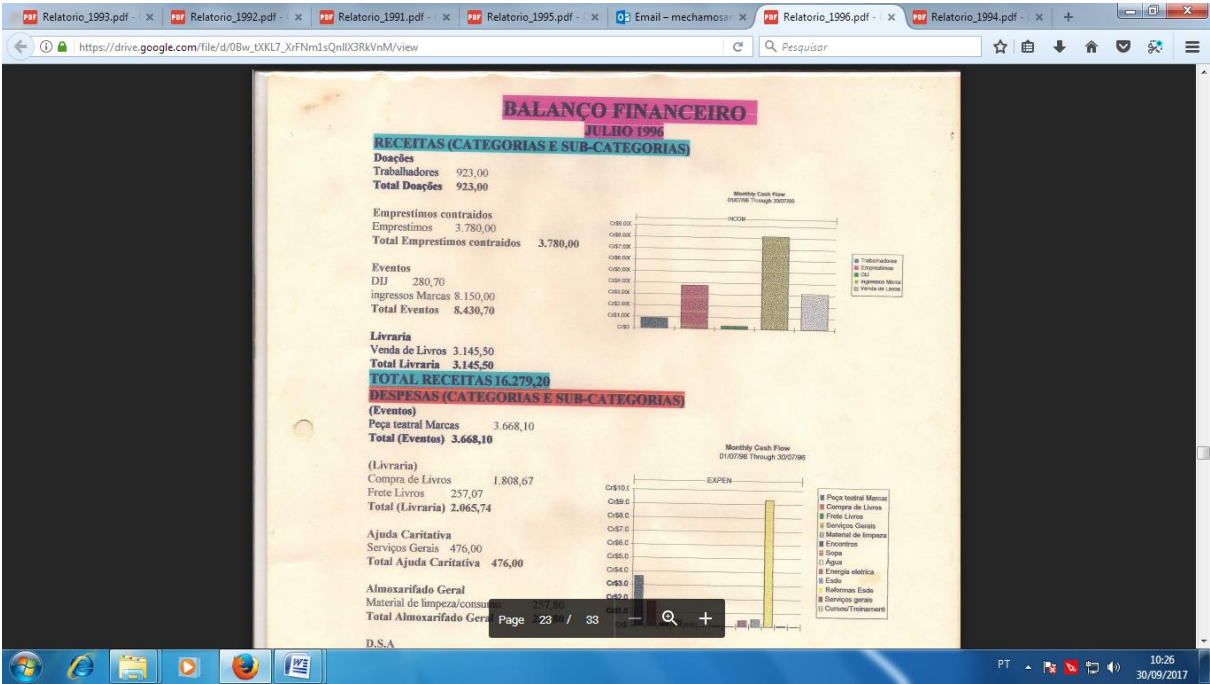
Anexo 02 - Primeiro Cartaz do Grupo Pyatã

Anexo 03 - Relatório de 1991

Anexo 04 - Material Gráfico de Marcas...



Anexo 05 - Relatório de 1996



Anexo 06 - Marcas... em Belém, PA



Anexo 7 - Relatório de 1990

3.6 - Das metas previstas para 1990 foram efetivadas as seguintes:

3.6.1 - Foi feita uma limpeza total do terreno com início da gramagem nos jardins da frente;

3.6.2 - Foi criado o **setor de Arte** e iniciadas as suas atividades;

3.6.3 - Foi feita a revisão no telhado dos diversos prédios que compõem a FAK;

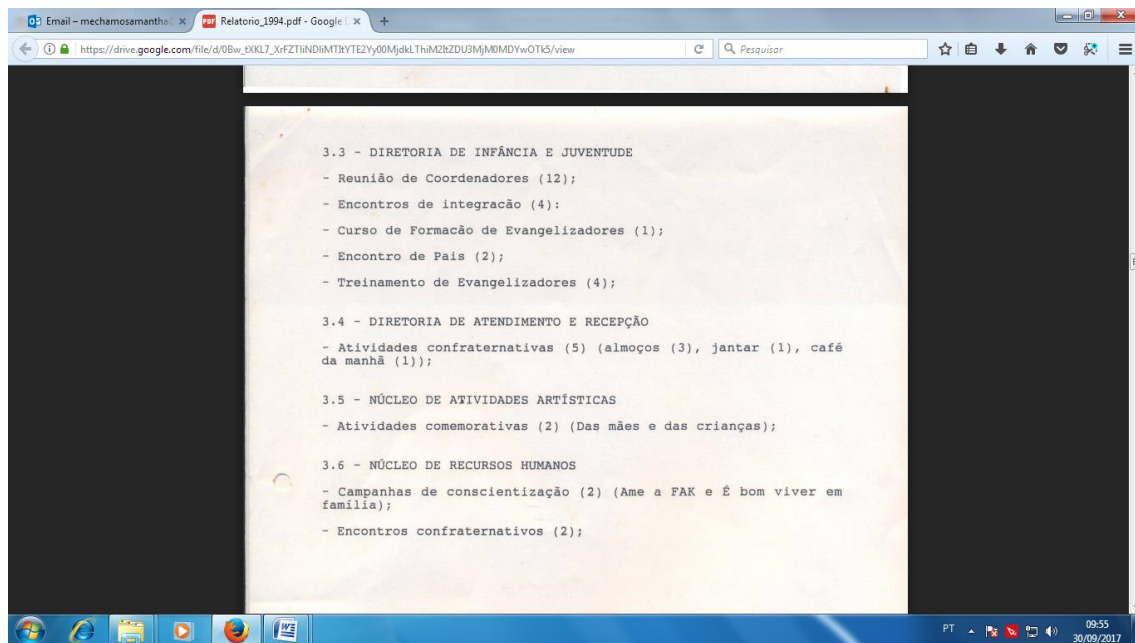
3.6.4 - Foi iniciada a pintura geral do Hospital e do anexo;

3.6.5 - Foi totalmente recuperado o prédio da livraria antiga:

Anexo 8 - Relatório de 1993

PLANEJAMENTO LOGÍSTICO DAS ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS			EVENTO: 1º ENCONTRO DE TRABALHADORES DA FAK			MÊS: 02/93
ITEM	PROVIDÊNCIAS	RESPONSÁVEIS	MATERIAL	PRAZO	ALTERNATIVAS	OBS.
15	SLIDES/CONVITE: PEDRO(VISITAR O LOCAL)	DIO	-	20.02	OK!	ANA -COBRAR
16	CONFIRMAÇÃO DA PRESENÇA AO ENCONTRO	N.R.H.	CANHOTO DO CONVITE	27.02		
17	CONFEÇÃO DE AVISOS			15.02	?	
18	GRAVAÇÃO E VOZ DA FITA CASSETE	CARLOS CALDAS	GRAVAÇÃO	20.02		
19	PLANEJAMENTO DO PROGRAMA (EDIÇÃO)	ELOISA	FORMULARIO CONTINUO	15.02		
20	GRAVAÇÃO DE VÍDEO <i>de filmar no teatro</i>	LUIZ	VIDEO			
21	CAMERA DE VIDEO	MEIRE		22.02 19.02	OK	OK
22	ENCENAÇÃO	NUCLEO ARTISTICO				
23	PRECE INICIAL	CARLOS CALDAS				
24	PROGRAMAÇÃO FAK	ELABORAÇÃO - J. ALBERTO EDIÇÃO - ELOISA				
25	VASSOURA/PALITOS	Eloisa				
26	TESTE					

Anexo 9 - Relatório de 1994



Anexo 10 - Jornal Diário do Amazonas de 05/11/2008

Anexo 11 – Curso



**Curso de Formação de
Trabalhadores da Arte**

04 JUN
11
15h às 18h

TEATRO FUNDAÇÃO ALLAN KARDEC

Pré-requisitos:
Idade mínima: 16 anos
Estudo: a partir do Tomo II
do Esde ou equivalente

Inscrições até o dia 02.06
pelo site www.faknet.org.br
ou na Livraria Didie